

fazendo de conta que estão remando ou podem dar comida para os patos que nadam no lago. Quando o sol se põe, os troncos brilhantes dos pinheiros, dourados e avermelhados e as nuvens cor de rosa pairando no céu nos deixam muito felizes.

Se o tempo não estiver bom, ficamos em casa tocando músicas. Detta já consegue tocar pequenos trechos no violino, e eu a acompanho no piano. Um belo som. Ou então cantamos bonitas canções populares, alegres ou tristes. Nesses momentos, a velha Guste, com a lâ e as agulhas de tricô, senta perto para ouvir. Dido nem se mexe, pois também gosta de música.

Nas noites quentes, quando as crianças mais velhas brincam de esconde-esconde na rua, eu me sento na varanda, pego a pequena Liselotte no colo e conto alguma história a ela.

Ela prefere escutar a história do Amigo Husch, um fantasma que caminha para lá e para cá com sua lanterna de vaga-lumes, cuidando se todos os seus filhotes de caracóis e joaninhas já adormeceram, bem comportados.

Quando a lua brilha no jardim, eu canto para as crianças a música da princesa Mirlamein, que fica sentada na lua, tecendo e jogando os longos fios brilhantes sobre a Terra, para que as pessoas tenham sonhos claros e bonitos.

Por último, quando as crianças estão dormindo e tudo está quietinho, vou ao jardim, onde está minha querida nogueira com suas brilhosas e perfumadas folhas.

Ao seu redor há um banco onde me sento, encosto a cabeça no tronco e fecho os olhos. Que maravilha! Silenciosamente ressoam as folhas e escuto sons e palavras que se tornam histórias completas que minha árvore sussurra para mim. Durante horas eu poderia ficar assim, escutando e guardando o que ela conta. Às vezes, um grilo ou um pássaro noturno joga algumas palavras no meio, ou um sapinho adiciona algo de sua sabedoria.

Mas o melhor é o que diz minha nogueira e eu guardo tudo na minha mente. Assim fico sentada, em algumas noites do verão, embaixo de sua ramagem e quando escutei o suficiente de suas histórias, volto para a casa verde e me sento na escrivaninha. Ali está a grande cadeira entalhada e forrada em couro, minha pena e um pacotinho de folhas brancas; então posso anotar o que minha nogueirazinha me contou, e vocês também devem ouvir alguma dessas coisas.

Tradução de Cristiano Kunst

A aranha dourada

O pequeno Karl era muito calado e sempre sentia saudade. Não sabia dizer que tipo de saudade era, mas doía bastante.

Olhava para o retrato de sua mãe que estava na parede perto da escrivaninha do escritório de papai. Ela trajava um vestido branco, portava ramos verdes e um véu na cabeça. Era muito bonita. Karl sabia que o vestido era um vestido de noiva e que os ramos verdes eram parte de uma grinalda. Fazia tempo que ela havia falecido, quase o mesmo número de anos que a idade Karl.

Às vezes ficava parado junto à janela da cozinha, olhando para a cerca e para rua. Lá as crianças brincavam de "*Um Camponês Foi Buscar Lenha*" e outras brincadeiras. Karl gostava de vê-los brincar, mas não queria participar das brincadeiras. As crianças eram muito briganas e barulhentas e implicavam com ele, porque era tão calado. Não, bom mesmo era brincar com *Mohr*, ele era bonzinho e ficava muito feliz quando o soltavam da corrente e corriam com ele no imenso gramado.

Mas ele gostava mesmo era de ficar em casa com a velha Nana e ouvir suas histórias: o conto do Homenzinho de Fogo; o da Rata Cinzinha; a história da bela filha do moleiro que havia caído no fosso e foi obrigada a casar com o feio antílope de barbas verdes. Mas a história mais bonita de todas era a da aranha dourada que tecia seus fios desde o céu até a terra. A Nana contou que a aranha dourada só podia comer vespas douradas e que, na primavera, ela morava no velho carvalho do parque. Quem trouxesse uma vespa dourada para ela, poderia ver o céu; contou a boa Nana. E o pequeno Karl ficava imaginando jeitos de levar uma vespa dourada para a aranha dourada, mas não conseguia encontrar solução.

Certa vez, estava sentado abaixo dos lilases, com as mãos embaixo da cabeça e olhando para o balão que flutuava lá no alto do céu azul. Visto do chão,

brilhava como prata e o pequeno Karl voltou a sentir tanta saudade. Ele gostaria de estar lá no balão; bem, bem acima das árvores e das pessoas. O professor contara que a terra não seria mais do que uma grande bola. Será que dava para ver de cima? Ou era necessário ir mais alto? Até o sol, onde a aranha dourada havia costurado seus fios?

Naquele momento, uma andorinha passou voando e – *plim!* – algo caiu na grama. Quando levantou para olhar, viu que era uma vespa dourada; logo então soube que devia levá-la para a aranha dourada. Amarrou o inseto no lenço e foi para o parque.

Pois lá se encontrava o pequeno Karl à espera da aranha dourada. Sentou-se pacientemente sob o velho carvalho, examinando seus misteriosos galhos curvos. É verdade, tinha de ser um carvalho mágico! Ficou com um pouco de medo e deitou na grama recém cortada. Que cheiro doce e que maravilhosos raios de sol saltitavam entre os ramos: *blém, upa, upa, blim, blém!* Será que os anjinhos dançam assim? Os olhos começaram a doer só de olhar e preferiu fechá-los. Aí as coisas ficaram muito mais bonitas! As centenas de folhinhas douradas e o sol vermelho e as margaridas. Havia também papagaios coloridos e um engraçado tucano com um imenso bico vermelho-amarelado e penas multicoloridas. Certamente tinham vindo do Jardim Zoológico para visitar a aranha dourada. E olha, lá estava ela, a aranha dourada! O pequeno Karl não havia percebido sua chegada! Lá estava uma maravilhosa teia dourada, estendendo-se de árvore para árvore até perder de vista. Luzes e brilhos cercavam o menino. A aranha dourada veio logo em sua direção, teceu novos fios a seu redor e cantou com voz suave:

*A aranha tece com sol e luz
Áurea trama que reluz;
Bela teia, de sol dourada,
Para toda a meninada;
Vai tecendo,
Vai tecendo,
E os calados envolvendo.*

Cantava e envolvia Karl completamente com seus macios fios dourados; porém ele não sentia medo, sentia-se feliz como no mais belo dos sonhos.

– Siga-me, ordenou a aranha dourada.

Karl trajava agora vestes de puro ouro e espantava-se com a facilidade que conseguia subir! Acenava para os papagaios e para o tucano que faziam olhos de espanto e seguia a aranha dourada, escalando até o topo do carvalho dourado. Como um mar verde parecia-se o parque abaixo, pois o carvalho era mais alto do que todas as outras árvores, muito mais alto. Mas o que era isso? O carvalho subia mais e mais, até as nuvens! Lá estava a casa de seu pai, podia reconhecer pelo pombal; lá estavam a igreja e a escola; tudo era tão bonitinho, tão pequeninho!

E o canal! Parecia uma cobra prateada!

O carvalho não parava de crescer. A cidade se afastava cada vez. Por fim, enxergava apenas uma mancha clara e outra escura. Acima das montanhas e acima da floresta, tudo era visível. Via como o canal desembocava em um grande rio e o grande rio percorria grandes partes da paisagem.

– Nosso carro está chegando, disse a aranha dourada.

O pequeno balão que Karl havia visto um pouco antes parou na sua frente. A aranha o prendeu com um fio de ouro e eles embarcaram no barco prateado.

– Agora você vai ver porque preciso da vespa dourada; comentou a aranha.

Dizendo isso, pegou o bichinho e amarrou dois grossos fios em torno de sua fina cintura. Zuum, voou a vespa, e a aranha dourada tinha seu cavallinho no cabresto.

– Quando chegarmos até Deus, ela vai morrer. Mas ela não se importa, pois Deus vai beijá-la e não há felicidade maior do que esta; falou a aranha dourada.

– Veja como a terra vai ficando cada vez menor, você já pode perceber que ela é uma bola, do mesmo jeito que a lua e as outras estrelas!

Karl olhou espantado para baixo. Agora só podia distinguir terra, água e as altas montanhas. E a vespa fazia o barquinho prateado voar cada vez mais alto, passando pela lua, que também tinha mares e montanhas, e por centenas de estrelas, grandes e pequenas, vermelhas e brancas, azuis e verdes.

– Se não tivesses agora tua roupa dourada, irias congelar. O ar aqui é tão fino e frio, que pessoa alguma pode viver, explicou a aranha dourada, mas logo chegaremos ao Jardim dos Jovens Anjos, lá é quente e vamos ficar por lá mesmo.

Karl estava mais calado do que o normal, mas não sentia saudades, não conseguia parar de olhar as estrelas brilhantes.

Finalmente chegaram ao Jardim dos Jovens Anjos. Um grande pano de veludo branco estava estendido entre quatro estrelas. Flores e árvores cresciam por lá como aqui na terra, só que eram muito mais altas e brilhantes. Entre os arbustos voavam grandes e estranhos pássaros. E no meio de tudo havia centenas de anjos, em pé e sentados, tinham violinos ou flautas nas mãos, outros liam livros. Todos usam túnicas de seda branca e tinham raios de sol em torno da cabeça. No centro havia um grande trono. Era feito de nuvens brancas e quatro grandes águias estavam sentados nos seus braços.

– Este é o trono do bom Deus, disse a aranha, passando com Karl entre os anjos que cumprimentavam gentilmente. Sentarem junto as degraus do trono de Deus e a aranha contou:

– Hoje é a festa do solstício, hoje Deus virá até aqui e beijará as almas que recém chegaram ao céu; elas então serão abençoadas e ganharão asas. Ouça, os anjos já estão começando com sua música.

Karl jamais havia ouvido uma música assim! Soava como o farfalhar das árvores e cachoeiras, como o zumbido dos besouros e grilos, entre eles ouvia-se sons mais longos que pareciam com o canto do rouxinol. E o ar era tão solene

Mariazinha e o sol

que Karl mal ousava respirar. Mas quando se virou para a aranha dourada, preciso fechar os olhos de tanto brilho! Ela parecia ser um pequeno sol e os anjinhos subiam e desciam por sua teia resplandecente. De repente, no trono havia um grande e belo homem de barbas brancas e mãos finas e claras. E todos os anjos se inclinaram perante ele, um a um foram abençoados e beijados pelo bom Deus e todos ganharam asas e tinham um olhar sereno.

Subitamente, a aranha tinha o belo rosto de sua falecida mãe e um longo véu e grinalda na cabeça. Ela tomou Karl pela mão e levou-o até Deus.

- Beije-o também, Senhor, pediu ela. – Beije para que a forte saudade se vá, para que ele se torne alegre como as outras crianças e possa brincar com elas à luz do sol.

- Por certo irei beijá-lo, disse o bom Deus e tomou Karl em seus braços, mas não poderei tirar a saudade com beijos, ela ficará.

E Deus beijou a testa de Karl. Os céus ecoavam, milhares de sinos tocaram. A criança sentia uma grande labareda em seu coração e, caindo de joelhos, soluçava de felicidade.

Quando quis erguer-se novamente e olhar para o bom Deus e para sua bela e amorosa mãe, tudo estava escuro em seu redor. Caiu, quase perdeu os sentidos e seguiu caindo em silêncio e com rapidez pela noite. Caía, caía, caía e caía, até chegar ao chão do parque. Estava exatamente no mesmo lugar em que a aranha o havia apanhado. Levantou-se e foi para casa. Nana e Mohr estavam na porta e queriam sair para procurá-lo. Nana achou que ele tinha adormecido e sonhado, mas ele sabia melhor.

Ainda era o calado e pequeno Karl, mas quando o sol brilhava através dos galhos, via a aranha dourada que tinha os olhos de sua mãe, sentada no meio da teia de raios, com anjinhos subiam e desciam por ela. E quando a forte saudade voltava e queria atormentá-lo, sentia o beijo de Deus em sua testa e a labareda no coração. A forte saudade não causava mais dor no pequeno Karl.

Tradução de Erica Foerthmann Schultz

Era uma vez uma menina miúda e mimosa que se chamava Mariazinha. Todo dia ao levantar, corria para a janela para cumprimentar o sol. Ela gostava muito do sol, porque era muito claro e quente. Muitas vezes, ela estendia os braços na direção do sol, como se ele fosse sua mãezinha, ria de alegria e dizia:

-Oh meu querido e bonito sol!

Um dia a pequena menina acordou e lá fora estava muito escuro, tão escuro que ela nem achou suas meias.

-Onde está o meu sol, perguntou triste, meu sol brilhante?

Mas nem Fritz, que sabia de tudo, não conseguia responder. Por isso ela pegou seus sapatos, botou o casaco com botões brilhantes e foi procurar o sol.

Na porta da casa, ela encontrou a chuva. Ficou emburrada e abriu o guarda-chuva.

-Bom dia, chuva. Você viu o meu sol?, perguntou a menina.

-Deixe-me, *plim, plim*, deixe-me, respondeu a chuva.

-Espere só, sua rabugenta, resmungou Mariazinha e abriu se guarda-chuva. Neste momento o vento chegou perto dela.

-Ai vento, você vem de tão longe, será que você sabe onde ficou meu sol dourado hoje?

-*Uiva, uiva, uiva*, fez o vento.

-Mas isso não é uma resposta correta, disse a menina e apertou os lábios. Mas o vento a deixou e saiu soprando por aí. Como o vento é mal-educado, pensou ela.

Sobre sua cabeça correram grandes nuvens negras.

-Olá nuvens, vocês viram o meu sol bonito? Já que vocês moram tão perto dele, por favor, digam onde posso encontrá-lo. Eu até daria minha boneca Hilde de presente para vocês. Ela tem cabelos loiros e crespos e está bem nova.